

DISCURSOS ENCLAUSURADOS:
POSIÇÕES-SUJEITO NA DISCURSIVIDADE FICCIONAL*

Rogério Christofolletti¹

O filósofo Michel Foucault disse, certa vez, que não se pode falar qualquer coisa, em qualquer situação e em qualquer lugar (1996: 9). Há uma série de regras e impedimentos sociais que fazem daquele que fala - o sujeito - uma espécie de prisioneiro de seu próprio discurso. É justamente esse não-poder-falar que vai ser o ponto de partida da lingüista Luísa Cristina dos Santos, em sua dissertação de mestrado *Cara ou Cachorra: um jogo discursivo de-como-ser sujeito*, apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em agosto de 1997. Para tanto, Luísa Cristina vai buscar na novela *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, do escritor catarinense Harry Laus, as condições de se descobrir um universo discursivo até então não revelado.

Esse obscuro objeto de análise, o *MONÓLOGO...* é uma novela de 1981 narrada por uma cadela dálmata que conta sua convivência com o dono, Cara, dono também de uma liberdade sexual que o possibilita ter envolvimento com outros homens. Essa liberdade sexual é totalmente negada à cachorra, através de repetidos "não pode, não pode", que afastam o animal de sua satisfação instintiva.

A pesquisadora Luísa Cristina vai então tomar a novela e

estudá-la sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa², tradição que observa os mecanismos e os funcionamentos das falas e dos textos, com base em noções da psicanálise, da história e da própria lingüística. De acordo com essa perspectiva teórica, por exemplo, não existe um sujeito único, centrado, monolítico, mas sim um conjunto de interfaces de sujeito que se colocam conforme a situação. Dessa forma - e seguindo a psicanálise lacaniana³ -, o sujeito é fragmentado, e é uma multiplicidade das posições que assume [aqui, conforme Pêcheux⁴], e os discursos produzidos são as mais claras evidências disso. Para a AD, os discursos são o local materializado das posições do sujeito, e é nos discursos que se pode "espiar" como o sujeito se colocou no diálogo, como está agindo ou ainda um pouco do que sente e pensa. Com essas noções, a pesquisadora Luísa Cristina dos Santos rastreou na novela de Laus pistas desse agir discursivo e encontrou: "O autor aposta na contraposição de duas personagens (Cara e sua cadela) como representação ideal de si mesmo e encontra um espaço para o que não podia dizer até então. É a saída do silêncio."

1. DE-COMO-SER NÔMADE

Conforme explica a pesquisadora, a estratégia de Harry Laus é dizer através das falas da cachorra e do Cara um pouco do que não pôde dizer até então. É preciso ter em mente que o momento - início da década de 80 - não é dos mais propícios para a eclosão de falas libertinas como essas. E não apenas os homoeróticos⁵, mas também o movimento de liberação das mulheres e das ditas minorias reivindicam seus lugares de participação social, seja agindo ou apenas falando. Laus, então, quer afirmar sua opção sexual, sua natureza - que acabou por tirá-lo do Exército em 1964 - e firmar um espaço para se expressar, como qualquer pessoa. Entretanto, para

dar conta desse plano de dizer-no-espaco-do-indizível, Laus vai precisar driblar as tais imposições sociais e os moralismos diversos que impedem que se fale tudo em todo lugar. Como lembrava Foucault no início dessa história.

O escritor nascido em Tijucas vai recorrer ao jogo discursivo, deslocando seu pensar para os lamentos da cachorra, que também é um ser censurado sexualmente, e para o Cara, uma espécie de alterego de Laus contaminado pelo moralismo. A sensação é de que o sujeito-autor de Laus se converte em outros tantos alteregos (ou heterônimos?) num movimento de desdobramento, esfacelamento do sujeito inicial. Conforme aponta Luísa Cristina dos Santos, o jogo discursivo fica transparente no movimento das peças (dos sujeitos) no tabuleiro do discurso, como gosta de ilustrar na dissertação. Pêcheux (1993: 96) nomeia esse fenômeno de *efeito metafórico*.

A pesquisadora Luísa Cristina vai chamar esses movimentos de nomadismo de sujeito. A terminologia encontra eco na própria história de vida do escritor. Oficial do exército, Laus serviu em diversas cidades do país, sendo obrigado a mudar-se constantemente. Na literatura, no entanto, o nomadismo é voluntário e Harry Laus transita por diversas vias, em busca de novos sentidos, novas experiências e novos prazeres. A exemplo dessa sua característica, o escritor então vai também trafegar no *MONÓLOGO...* até mesmo para poder dizer, poder se afirmar. É um exercício fundante de um espaço discursivo.

2. CARA OU CACHORRA?

Na busca dessa identidade, até mesmo a pesquisadora se contagia com o jogo e também brinca com as informações, cruzando discursos, tecendo uma trama bem urdida. Basta observar no título de seu trabalho - *Cara ou cachorra: um jogo discursivo de-como-ser*

sujeito -, e verificar a citação de outra obra de Laus, *De-como-ser*, livro de memórias editado em 1981 e que de forma escancarada funciona como um manual de instruções, uma bula do escritor. Em sua dissertação, Luísa Cristina tenta dar conta um pouco de como Harry Laus se faz sujeito, de como se constitui sujeito, de como se coloca no *MONÓLOGO*.... “No caso de Laus, o discurso é o lugar ambíguo onde os fatos históricos são selecionados por uma narrativa indireta, capaz de organizar e ordenar logicamente parte de sua experiência de vida”. É a sua maneira de libertar o discurso das amarras morais, das clausuras da repressão e das prisões da consciência.

Mas e a questão apresentada por Luísa Cristina no título de seu trabalho - Cara ou cachorra - é respondida? Sim e não. Quem explica é própria pesquisadora: “O autor não é nem Cara nem cachorra, mas se mantém numa irredutível tensão entre ambos, atravessada pelo nomadismo. É este espaço encontrado pelo sujeito, que lhe permite resistir às repressões morais historicamente instituídas. Desse modo, fica formalizada a ‘saída do silêncio’ através da conquista de um lugar discursivo para expor a si como sujeito da prática homossexual”.

Como se Harry Laus fosse mesmo uma moeda, que tem de um lado Cara e do outro, não a Coroa, mas a Cachorra.

NOTAS

* Esta resenha é uma versão ampliada do artigo **discursos encLAUSurados**, publicado originalmente no suplemento ANCapital, do jornal A NOTÍCIA, em 07 de setembro de 1997.

1 Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

2 Doravante AD.

3 Esse multidimensionamento do sujeito fica claro em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, in Lacan (1992).

4 Aqui, Orlandi (1986: 113) lembra que há na verdade operações de construção de efeitos-sujeito, "uma simulação que põe em funcionamento uma forma-sujeito, a do sujeito lingüístico".

5 O uso aqui de *homoerótico* ao invés de *homossexual* se deve à orientação do psicanalista Jurandir Freire Costa, que acredita que o primeiro é um termo que, de um lado, tem menor carga de estigma e preconceito, e de outro, é mais preenchido de sentidos, o que ajuda a traduzir esses efeitos dessa formação discursiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992
- ORLANDI, E. P. A análise de discurso: algumas observações. *D.E.L.T.A.* 2 (1): 105-126, fev. 1986
- PÊCHEUX, M.. Análise automática do discurso (AAD-69) In: F.Gadet & T. Hak (orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993